

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

046

O mistério de Caçapava do Sul

Na série sobre crimes enigmáticos no Rio Grande do Sul, ZH relembra o assassinato a tiro de um empresário

Esta história contém todos os ingredientes de uma novela policial: suspense, romance, ciúmes, interesses financeiros, suspeita de extorsão. E um crime misterioso, até hoje não decifrado.

Aconteceu na histórica cidade de Caçapava do Sul, uma das mais antigas do Estado e segunda capital da República Rio-grandense, na Revolução Farrroupilha.

Iduino Luiz Sangali, 69 anos, empresário da área de calcário, foi assassinado na véspera de anunciar seu noivado com Gisele, uma jovem relações-públicas de 33 anos.

Ele morreu quando fazia o que era seu hábito de todas as manhãs: caminhar cinco quilômetros pelas ruas tranquilas de Caçapava, hoje com 35 mil habitantes.



Por volta das 7h30min do dia 4 de maio de 1996, Iduino parecia sereno e despreocupado. Caminhava na Rua Coreolano Castro, acompanhado de um jovem, no máximo 25 anos, cabelo castanho, 1m75cm de altura, óculos escuros.

Assim ele foi descrito pela única testemunha que o viu de perto, uma empregada doméstica de 31 anos.

Ele passava pelos dois quando ia para o trabalho, e voltou-se ao ouvir um estampido. O homem jovem guardava, com calma, a arma na cintura. E, depois, seguiu a pé pela rua.

O tiro de um revólver 38, à queima-roupa, no rosto do Iduino, foi fatal. Ele estava morto quando populares o socorreram, caído num estacionamento para onde fora empurrado pelo assassino.

O empresário e a namorada, Gisele, estavam em Caçapava, no final de semana do assassinato, especialmente para anunciar o noivado, no almoço programado para o domingo, entre amigos e funcionários da empresa da família. Ele também tencionava comunicar que sua futura mulher passaria a participar da direção da empresa.

Residiam em Atlântida, no litoral norte do Estado, havia quatro meses, desde que se conheceram em Santa Maria.



Ciúmes ou vingança por traição.

Essa foi uma das primeiras hipóteses para o crime, admitidas pelos que bem o conheciam.

Ele era praticante de esportes, cuidava da aparência. E sempre foi namorador.

Aos poucos, surgiram outras hipóteses.

Na véspera, Gisele havia dito, para um filho de Iduino, estar sendo ameaçada de morte. Pelo telefone, uma voz feminina a advertira de que o seu casamento com o empresário não aconteceria.

Para a namorada, as ligações reforçavam a hipótese de que alguém tivesse sido contratado para matar Iduino. Talvez uma ex-amante enciumada, disse ela, sem se referir a nomes.

A polícia apontou outra linha de investigação: um ex-namorado da relações-públicas.

Era possível, também, que estivesse sendo chantageado, com seu passado de tantos amores e negócios.

O vendedor que negociava um veículo com ele foi apontado como suspeito de extorsão.



Em 2008, quando chegou à cidade, a atual delegada de Polícia, Fabiane de Vargas Bittencourt, encontrou sobre o caso um inquérito volumoso e inconcluso.

Fez uma análise atenta, constatou que havia muito material produzido, várias linhas de investigação e providenciou as diligências solicitadas pelo Ministério Público:

– Fiz o que era possível naquele momento. Relatei e remeti à Justiça sem a indicação de autoria.

Ela reflete sobre o trabalho da polícia sempre que ocorre um homicídio:

– É preciso deixar tudo de lado e diligenciar na hora. Depois de certo intervalo de tempo, tudo fica mais difícil. As testemunhas esquecem o que viram, as pessoas já não se dispõem a colaborar.

A promotora de Justiça Cíntia Foster de Almeida, de Caçapava do Sul, no entanto, assegura que o caso não está parado.

Gisele, a ex-namorada, hoje vive com o pai, em Santa Maria, e não quer falar sobre o crime, mas faz questão de esclarecer que trabalhava para Iduino, “essa é a verdade”.

Uma das filhas do empresário, Hélvia Sangali, garante que a polícia falhou. Colocaram a testemunha na frente do criminoso para que ela o denunciasse:

– Ninguém faria isso.



A delegada Fabiane diz que vai cumprir, se houver, novas diligências solicitadas pelo Ministério Público, mas considera difícil um novo capítulo nessa novela policial.



REPRODUÇÕES

Sangali, na época com 69 anos, foi morto na véspera de anunciar seu noivado com uma mulher bem mais jovem do que ele



O crime

Vítima:

Iduino Luiz Sangali,
Época do crime:
1996

Cidade:

Caçapava do Sul

Principal suspeito:

jovem desconhecido

Motivação:

desconhecida

A vítima foi baleada por um jovem que o acompanhava em sua tradicional caminhada matinal pelas ruas da cidade

